

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

A EMERGÊNCIA DO DISCURSO:
O LUGAR DAS “CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO” EM UMA
PERSPECTIVA NÃO PREVISTA NO CAMPO DOS SABERES*

Bruno DEUSDARÁ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Décio ROCHA (Universidade do Estado do Rio de Janeiro**)

ABSTRACT: We intend to reflect on the theoretical importance of the concept of conditions of production. In fact, if the notion was abandoned later, we are persuaded that Foucault's approach of subjectivity throughout the relationship between knowledge and power would be a promising way to discuss the theme.

KEYWORDS: discourse analysis; conditions of production; subjectivity.

0. Introdução

O objetivo deste artigo é refletir sobre o lugar do conceito de “condições de produção” (CP) do discurso na trajetória de rupturas empreendidas pela Análise do Discurso (AD), assim como perceber suas limitações no desenvolvimento da teorização da subjetividade por parte da AD.

A iniciativa de pensar o lugar da referida noção insere-se em um conjunto de reflexões¹ por meio das quais procuramos retomar com maior detalhamento as continuidades e os deslocamentos da AD operados no âmbito das ciências humanas, de modo geral, e em particular, em relação àquela que teria sido, de acordo com os manuais de AD (Maingueneau, 1997; Brandão, 1995), sua predecessora: a Análise de Conteúdo.

A partir dessa iniciativa, compreendemos a relevância de revisitar a trajetória de conceitos que se estabeleceram enquanto pontos nodais na teia das fissuras provocadas pela AD, para que sua trajetória possa, de alguma forma, contribuir com a problematização de tantos desafios que ainda hoje se apresentam em uma perspectiva discursiva.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Neste sentido, as problematizações atuais acerca da noção de *sujeito* acabam por requerer um olhar mais atento que, percebendo o quadro teórico e conjuntural que conduziu as CP à marginalidade, possa reconhecer seus limites e propor possibilidades de redimensionamento e de retomada desse conceito.

1. A emergência do discurso e os limites das CP: revisitando uma trajetória

Revisitar o conceito de CP neste artigo não se restringe a conhecer suas origens, mas tem sobretudo o objetivo de colocar em cena as demandas de investigações nos primórdios da AD que solicitaram sua entrada no quadro conceitual de uma teoria do discurso. Em decorrência disso, pretendemos, de certo modo, circunscrever o lugar que a referida noção irá assumir nas pesquisas em AD.

Assim, a origem das CP remonta à sua utilização em três perspectivas distintas: (i) em primeiro lugar, a noção de CP advém da Análise de Conteúdo, principalmente praticada na psicologia social americana da primeira metade do século XX; (ii) indiretamente, a noção se encontra presente na sociolinguística, uma vez que esta considera “*as condições sociais da situação de comunicação*” e as “*variáveis sociológicas, responsáveis pelas CP do discurso*” (Courtine, 1981: 19); (iii) implicitamente, em Z. Harris (“*Discourse Analysis*”), considerando o termo “*situação*” em correlação a “*discurso*”. Devem-se observar as seqüências de frases “*pronunciadas ou escritas, umas seguidas das outras, por uma ou mais pessoas em uma dada situação*”, assim como determinar as características individuais de um enunciado e “*as particularidades de personalidade que provêm da experiência do indivíduo nas situações interpessoais condicionadas socialmente*” (Courtine, 1981: 19)

Com a descrição explicitada no parágrafo anterior, é possível perceber que as CP não são uma invenção, por assim dizer, de uma perspectiva discursiva. É exatamente à sua existência anterior, reconstruída a partir de sua origem tripartida, que devemos a necessidade de compreender os modos de inserção deste conceito no aporte teórico da AD.

Se, por um lado, a noção de CP não pode ter sua elaboração atribuída à AD, por outro, é preciso reconhecer que o contorno que ela assumirá a partir de sua entrada no quadro de uma teoria do discurso constitui-se como

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

um ponto nodal importante na teia de rupturas instituídas pela perspectiva discursiva no âmbito das ciências humanas.

Essas rupturas se dão, no que tange às CP, particularmente, em relação a: (i) um esquema “reacional”, derivado das teorias psicofisiológicas e psicológicas do comportamento; (ii) um esquema “informacional”, derivado das teorias sociológicas e psicossociológicas da comunicação (Gadet & Hak, 2001: 79).

Assim sendo, a partir dos deslocamentos operados por Pêcheux, as CP passam a ser compreendidas como *formações imaginárias* como designação do *lugar* que cada um dos interlocutores atribui a si mesmo e ao outro. Esta dinâmica de lugares que Pêcheux traz à cena tem por objetivo romper com a idéia de presença física dos participantes das trocas verbais, sendo problematizados os lugares ocupados na estrutura de uma formação social. Desse modo, Pêcheux afirma haver mecanismos de projeção nas formações sociais que relacionam as *situações* (que podem ser definidas objetivamente) e as *posições* (que são representações dessas situações) Gadet & Hak (2001: 86).

Diante das formações imaginárias que constituem as representações que, para simplificar, cada um dos participantes faz de si mesmo e do outro, Pêcheux ressalta ainda que assistiríamos a um *deslocamento do elemento dominante* nas condições de produção do discurso. E o faz ilustrando com o que haveria de dominante, por exemplo, no discurso pedagógico: a imagem que os alunos fazem em relação ao que o professor designa a eles, uma vez que isto esta imagem os faria pensar sobre o que é possível fazer com o que se espera deles (Ibidem).

Trazemos estas idéias para refletirmos sobre os aspectos que já se antecipam nela e que se desdobraram nas elaborações acerca da noção de sujeito que vem se constituindo como hegemônica na AD. Uma primeira observação a ser feita deve considerar o fato de que, ao recusar a presença física como determinante nas CP do discurso, Pêcheux aponta para a dissociação entre o empírico e o discursivo. Esta dissociação, que reside no fundamento da AD, possibilita deslocar a centralidade de um determinado modelo de sujeito que dominaria um “projeto de mensagem a ser transmitida” bem ao gosto dos esquemas comunicacionais dominantes até então.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Dessa forma, se Pêcheux não sistematizou o descentramento do sujeito (o que viria a ser feito mais tarde, a partir das contribuições da psicanálise e do dialogismo bakhtiniano), certamente colaborou com um deslocamento em relação aos modelos anteriores, imprimindo, assim, uma abertura para desdobramentos posteriores da AD.

No entanto, não tardaram os senões e as ressalvas frente ao que se constituiu inicialmente como CP. O primeiro a apontar suas insuficiências foi o próprio Pêcheux:

Esta ambigüidade [a do texto de 1969] residia no fato de que o termo ‘condições de produção’ designava ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a ‘situação’ no sentido concreto e empírico do termo, isto é, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientemente colocados em jogo etc. Pêcheux & Fuchs In: Gadet & Hak (2001: 170)

Mais tarde, Courtine observará na dinâmica de lugares uma continuidade em relação à teoria dos papéis de Goffman, afirmando que as CP acabaram por se vincular mais à caracterização individual de cada locutor do que aos efeitos da conjuntura. No quadro de definições de Pêcheux, nota-se uma ausência de hierarquização nas referências do conceito, sobressaindo, assim, o plano psicossociológico, em detrimento das referências sócio-históricas. Isto, segundo Courtine, constituiria a instabilidade das CP e, para tentar superá-la, seria preciso recorrer à pragmática.

Um outro aspecto que deve ser considerado ao abordarmos os modos de inserção das CP no quadro teórico da AD, além de sua existência prévia em campos do saber do quais Pêcheux tenta se distanciar, refere-se ao fato de que Pêcheux pretende que essa noção seja a correlata, no âmbito dos estudos da linguagem, das condições de reprodução econômica, originárias da análise marxista.

A partir dessa correlação, podemos dimensionar o grau de influência da releitura das obras de Marx proposta por Althusser na constituição de uma teoria do discurso. A influência althusseriana terá como uma de suas marcas a assimilação da tese da *ideologia que interpela o indivíduo em sujeito* por

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Pêcheux. Esta, por sua vez, se manifestará na sua teoria dos dois esquecimentos, em que a ação da ideologia sobre o indivíduo produz a ilusão de que ele seja *senhor de seu discurso*, uma vez que o sentido por ele expresso aparece como *evidência*.

Uma compreensão adequada desta aproximação nos permite entender os rumos que serão destinados a esse conceito em momentos posteriores, sobretudo no período que sucede aos trabalhos de Pêcheux.

2. A AD nos anos 80: uma crítica ao primado do mesmo sobre o outro

Posteriormente às retificações por que passou o projeto inicial da AD ao final dos anos 70, os limites que foram colocando em suspenso a noção de CP devem-se, por um lado, à continuidade verificada em relação às teorias psicossociológicas e, por outro, à “*correlação muito mecanicista entre o discursivo e as classes sociais*” Charaudeau & Maingueneau (2004: 114) que se apresentou nos trabalhos em AD, foram dando lugar a noções que responderam de outra forma às insuficiências por apontadas no quadro conceitual das fases anteriores.

Em relação à continuidade que as CP representavam frente às perspectivas cujo lugar, de certa forma, a AD pretendeu ocupar, aprofundou-se a crítica ao sujeito da representação², isto é, aquele que seria dotado de racionalidade consciente, que se manifesta, dentre outras formas, na intencionalidade integral que possui sobre seu dizer. Esta crítica sustenta o princípio teórico da heterogeneidade constitutiva da linguagem, formulado por Authier-Revuz (1990), o qual, negando as “*evidências narcísicas do sujeito fonte e senhor de seu dizer*”, apóia-se no dialogismo bakhtiniano e nas formulações sobre o sujeito de Lacan.

Em relação à influência de Althusser, a crise política em que a esquerda tradicional esteve imersa em fins da década de 70 e início da década de oitenta conduziu o pensamento marxista a um certo isolamento no meio universitário europeu. No caso particular do referido autor, sua leitura estruturalista do materialismo histórico, por se aproximar à vertente stalinista então majoritária, foi sendo gradualmente abandonada nos círculos da intelectualidade de esquerda não só francesa, mas européia, de modo geral.

O que nos interessa aqui é mostrar alguns dos desdobramentos de ordem teórica e conjuntural que contribuíram para um abandono progressivo

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

da noção de CP. Em particular, refletir acerca do lugar desta noção no conjunto de reflexões e influência que foram sendo empurradas para a marginalidade; refletir também acerca do modo como esse movimento, de certa forma, contribuiu para que a noção de CP pudesse ser descartada como parte de um quadro teórico que se tornava a partir de então obsoleto.

Fica, portanto, uma questão que tentaremos desenvolver em nossas considerações finais: explicitados os seus limites, há possibilidades de retomada desse conceito em uma contribuição efetiva com a teorização da produção de subjetividade?

3. À procura de uma nova delimitação: as possibilidades das CP no cenário atual

Após problematizarmos a trajetória do conceito de CP desde sua entrada no cenário dos estudos das práticas de linguagem, nos gestos iniciais de Pêcheux e nas situações-limite que o foram gradualmente deslocando para a marginalidade, julgamos importante neste momento levantar alguns questionamentos que evidenciam possibilidades de sua retomada no cenário atual dos estudos das práticas linguageiras.

As possibilidades a que nos referimos respaldam-se basicamente em muitas das reflexões¹ que têm sido propostas a partir da obra de Foucault em relação a uma teoria do discurso. Com efeito, a lição deixada pelo autor parece caracterizar-se como um espaço altamente produtivo de interlocução. Nesse sentido, queremos indicar, à guisa de conclusão do presente trabalho, um caminho que se apresenta como alternativa às insuficiências do projeto inicial de Pêcheux, no qual a dinâmica de lugares ou de posições constituía-se como representação das situações objetivamente definidas. Com efeito, se, por um lado, no bojo de uma teoria da subjetividade, a projeção das formações sociais nas formações ideológicas denunciava claramente a ilusão do sujeito como “*senhor de si e do seu dizer*”, por outro, acabava construindo uma relação de excessiva determinação do sujeito frente à realidade objetiva.

Nas análises marxistas tradicionais a ideologia é uma espécie de elemento negativo através do qual se traduz o fato de que a relação do sujeito com a verdade ou simplesmente a relação de conhecimento é perturbada, obscurecida, velada pelas condições de existência, por relações sociais ou por formas políticas que se impõem do exterior ao sujeito do conhecimento.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

A ideologia é a marca, o estigma destas condições políticas ou econômicas de existência sobre um sujeito de conhecimento (...) Foucault (2001: 26-7)

Acrescente-se que, subjacente a essa noção original de sujeito ideologicamente determinado estava a concepção althusseriana de poder³, visto enquanto repressão, emanando sua interdição sobre o sujeito a partir dos aparelhos de estado, sob a ação da ideologia.

Ao apontar os limites de uma tal concepção de poder, Foucault recusa-se a considerar que o poder seja visto predominantemente como um exercício repressivo: tal imagem do poder revela-se demasiado frágil⁴ e mesmo secundária. É preciso, segundo o autor, fazer ver que o poder, ao invés de impedir, de reprimir, produz realidade, “produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (Foucault, 1986:8).

Essa mudança de perspectiva acerca da noção de *poder* redimensiona a relação entre o sujeito e a história. O que se deseja agora identificar não são determinações objetivas de um exterior que atuaria sobre o sujeito, mas estratégias de exercício de poder que constituem as práticas discursivas. Em outras palavras, o que é preciso abolir é a geografia (imaginária) na qual se instituiriam um dentro (“o sujeito”) e um fora (as condições políticas, econômicas, etc.) tomados em absoluto e de cujo encontro resultaria uma “imagem desfigurada”, “corrompida” de uma essência qualquer original. Contrariamente a tal posição, Foucault afirma:

O que pretendo mostrar ... é como, de fato, as condições políticas, econômicas de existência não são um véu ou um obstáculo para o sujeito de conhecimento mas aquilo através do que se formam os sujeitos de conhecimento e, por conseguinte, as relações de verdade. Foucault (2001:27)

Nesse sentido, cumpre explicitar que pretendemos responder afirmativamente à questão deixada em aberto ao final do item anterior: pensamos ser efetivamente possível retomar a noção de CP em uma contribuição efetiva com a teorização da produção de subjetividade, recorrendo, para tal fim, à proposta de Foucault, isto é, procurando desfazer as falácias da mencionada “geografia imaginária” que insiste em opor um dentro e um fora – oposição que pretende instituir algum lugar de produção de verdade que seja independente das relações de poder. A esse respeito,

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

Foucault adverte: “*A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder.*” (Foucault, 1986: 12).

Acreditamos ser exatamente na relação entre exercício de poder e práticas discursivas que se encontra a possibilidade de que novas investigações em AD venham a repensar as contribuições da noção de CP, não determinando mecanicamente seu funcionamento, mas constituindo uma ancoragem histórica das práticas discursivas enquanto produtoras de subjetividade.

NOTAS

* Expressão cuja motivação encontramos originalmente em Maingueneau (1997:9), quando o autor menciona a AD como disciplina cujo lugar não estava previamente inscrito no campo do saber.

** CNPq

¹ Sobre os deslocamentos entre AC e AD, remetemos o leitor a “Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: o lingüístico e seu entorno”, artigo de Rocha & Deusdará aprovado para publicação na revista D.E.L.T.A. (no prelo, com previsão de publicação no primeiro semestre de 2006).

² Remetemos o leitor à reflexão de Oliveira (2003), em que a autora desenvolve argumentos que demonstram as insuficiências do modelo de sujeito da representação (autocontido, monológico e desengajado), propondo o sujeito dialógico (“*co-participante de redes de ação dialógica, em que dois ou mais sujeitos envolvidos se concebem como ‘nós’*”).

³ Remetemos o leitor à reflexão de Louis Althusser em *Aparelhos Ideológicos de Estado*.

⁴ Embora uma noção positiva de poder seja desenvolvida em diversas obras, Foucault argumenta a favor de tal concepção, demonstrando a fragilidade daquela que sustenta o poder enquanto mecanismo repressor do estado, em *Microfísica do Poder*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 19. Campinas: Unicamp, jul-dez, 1990.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. A emergência do discurso: o lugar das “condições de produções” em uma perspectiva não prevista no campo dos saberes. *Revista Intercâmbio*, volume XV. São Paulo: LAEL/PUC-SP, ISSN 1806-275X, 2006.

- CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. (Orgs.). *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- COURTINE, J-J. *Langages* 62-Le discours communiste adressé aux chrétiens. Paris: Larousse, 1981.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2001.
- GADET, F. & HAK, T (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001 3ª. Ed.
- GREGOLIN, M. do R. *Foucault e Pêcheux na Análise do Discurso: Diálogos & Duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.
- MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. *Novas tendências em Análise do Discurso*. São Paulo: Cortez, 1997.
- MIRANDA, L. L. Subjetividade: a (des)construção de um conceito. In: SOUZA, S. J. (org.) *Subjetividade em questão*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2000.
- OLIVEIRA, M. C. S. L. Subjetividade e conhecimento: do sujeito da representação ao sujeito dialógico. *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*. Rio de Janeiro, Depto. Psicologia UFF, v. 15 – nº 1, 2003.
- ROCHA, D.; DAHER, M. del C.; SANT’ANNA, V. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia* 8. Cuiabá: EdUFMT, 2004.
- SARGENTINI, V. & NAVARRO BARBOSA, P. (orgs.) *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder e subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004.
-